

## **CONCEPÇÕES DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL EM CANITAR-SP.**

### **CONCEPTIONS FOR TEACHERS OF EDUCATION ON KEY ENVIRONMENTAL EDUCATION IN A SCHOOL IN MUNICIPAL CANITAR-SP.**

<sup>1</sup>COSTA, D. G.; <sup>2</sup>MAIA, J. S.S.

<sup>1e2</sup>Departamento de Ciências Biológicas –Faculdades Integradas de Ourinhos/FIO/FEMM.

#### **RESUMO**

Este trabalho se propôs a verificar as concepções de professores em uma Escola Municipal em Canitar-SP, levantando os seguintes pontos: identificando a importância da educação ambiental para os professores; verificando a ocorrência da prática da Educação Ambiental na escola, entre outros. Os documentos que relacionam a educação ambiental, de maneira formal, são muitos, entretanto o que se pode verificar é que não há um acompanhamento por parte das escolas, e que as dificuldades para se desenvolver uma educação ambiental de qualidade são muitas. Em função disso é preciso ações que culminem com uma efetiva prática possibilitando o enfrentamento dos problemas ambientais atuais.

Palavras-chave: educação ambiental, professores, ensino fundamental.

#### **ABSTRACT**

This work is proposed to examine the conceptions of teachers in a municipal school in Canitar-SP, raising the following points: identifying the importance of environmental education for teachers, noting the occurrence of the practice of environmental education in school, among others. Because there are many documents that relate to environmental education, however what we see is: there's no a follow-up of schools, and the difficulties to develop an environmental education quality are many. Because of this we need actions that culminate with an effective practice allowing the face of environmental problems today.

Keywords: environmental education, teachers, elementary school.

#### **INTRODUÇÃO**

Para que possamos entender e praticar a educação ambiental, é necessário primeiro, entender o que é o meio ambiente, pois, depende do que aceitamos como ambiente, nossas representações poderão direcionar as nossas práticas a educação ambiental (SATO, 2002).

Segundo Cassino (2007), a uma enorme diferença entre percepções, leituras, análises, projetos e práticas tratando do meio ambiente. Não há absolutamente unanimidade ou consenso entre conceitos, técnicas, meios e fins. O que dificulta a “prática e entendimento da educação ambiental”.

Na concepção de Reigota (1994), meio ambiente é um lugar onde estão as relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Assim acarretando processos de criação cultural, tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade.

O meio ambiente de acordo com Travassos (2006), pode ser percebido de diferentes maneiras, podendo este ser definido em função do conhecimento específico, das experiências de vida e da percepção individual, das quais resultam as representações sociais.

A educação ambiental deve considerar o meio ambiente em sua totalidade, em seus aspectos naturais e os criados pelo homem (PELICIONI, 1998).

Quando temos definido o que é meio ambiente, podemos, então iniciar a educação ambiental, onde ficou definida pela Conferência intergovernamental de Tbilisi que: a educação ambiental é um processo de reconhecimento de valores, e que tem por objetivo, modificar as atitudes em relação ao meio, para assim compreender as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos, pois a educação ambiental também está relacionada com a prática das tomadas de decisões e a ética que as conduzem para a melhoria da qualidade de vida (SATO, 2002).

Embora se possa trabalhar com a educação ambiental formal e não formal, sempre foi dada atenção maior ao papel das escolas, pois se encontra nela a influência e transformação da comunidade em que está inserida (VEIGA *et al.*, 2005).

Entretanto, os problemas hoje enfrentados pela sociedade, principalmente os ecológicos, são provocados pela nossa maneira de viver, e a nossa maneira de viver é incalculada pela escola, pelos valores que transmite, pelos currículos, pelos livros didáticos, então se pararmos para pensar nesse sentido podemos, levantar a seguinte questão: A escola não deveria preocupar-se fundamentalmente em formar pessoas para a paz e felicidade em vez de se preocupar apenas em formá-las para a competitividade? (GADOTTI, 2000).

Embora se tenha vários documentos oficiais nacionais e internacionais, desde 1997, que estabelecem o marco referencial teórico e as grandes diretrizes de implementação da educação ambiental formal, podemos observar que as escolas se encontram muito confusas, sobre a prática da educação ambiental, de como trabalhar de maneira interdisciplinar. O que demonstra não haver um

acompanhamento por parte das escolas em relação às práticas e as intenções expressas em documentos. Já que em muitos projetos a introdução da educação ambiental no currículo ainda se apresenta como uma solicitude de criação de disciplina. Isto é preocupante, porque revela desconhecimento das características essenciais da educação ambiental (CASSINO, 2007).

Pois em 2001, aproximadamente 94 mil escolas ofereciam ITAD (Inserção da Temática Ambiental nas Disciplinas), 33,6 mil escolas, PR (Projetos), e apenas 2,9 mil escolas ofereciam, DE (Disciplinas Especiais), já sendo em 2004, 110 mil escolas ITAD, 64,3 mil escolas PR, e 5,5 mil escolas respectivamente o DE (VEIGA *et al.*, 2005).

Na perspectiva de Travassos (2006) o que acontece, é que a educação ambiental tem que ser desenvolvida como uma “prática”, como já está expressa nos documentos, porém, todas as pessoas que lidam em uma escola precisam estar preparadas.

Entretanto, o que podemos observar, é que muitas vezes “a falta de percepção e controle dos processos originados pela cultura da inocência nos recursos pedagógicos utilizados em sala de aula, esvazia estes recursos de significados e conteúdos, religando-os à categoria de menos coadjuvantes no processo educativo, podendo assim observar uma dispedagogia ambiental, sendo conseqüência do processo equivocado da formação de professores, sem o compromisso com a ação emancipatória, e com a ética da profissionalidade e da autonomia” (GOUVÊA, 2006). Sendo o conceito de dispedagogia definido por Gouvêa, para designar os problemas da aprendizagem que são gerados pela condição de ensino, ligados ao professor e ao próprio ensino. Podendo então considerar que a dispedagogia ambiental, faz com que, a educação ambiental perca sua finalidade dentro da escola.

Já Tristão (2005), relata que a educação ambiental está ligada a dois desafios vitais: a questão da perturbação dos equilíbrios ecológicos, dos desgastes da natureza, e a questão da educação. Os desequilíbrios e a educação sendo heranças de um modelo de desenvolvimento socioeconômico por uma redução da realidade e que acabam por fragmentar a realidade, pela redução do ser humano a um sujeito. E que acaba acontecendo com os educadores é desencadeado pela sensação de frustração e angústia que sentem, às vezes, pelo fato de tentar reverter o quadro de destruição dos bens naturais e resgatar a relação

cultura/natureza, sociedade/meio ambiente. E o que acaba gerando a sensação de um peso insuportável em que responsabilidade e impotência se confrontam, quando o resultado do processo educativo não se reverte em práticas cotidianas significativas.

Para Grün (2002), o problema que enfrentamos na educação, é a autonomia sendo vista como ideal, e um sujeito autônomo se vê fora da natureza, tendo uma postura antropocêntrica, o “homem centro de tudo e todas as demais coisas no universo existem exclusivamente em função dele”, sendo assim, a autonomia de certa forma nos impede de compreender o meio ambiente em sua estrutura complexa. A educação moderna trás mitos como a autonomia do sujeito pensante, livre dos valores da cultura e da tradição, e sua independência do meio ambiente, constituem a própria base do *cogito* cartesiano, que é a base dessa educação.

Pesquisas realizadas por Wortmann *et al* citado por Grün (2002), em livros brasileiros, mostram que o mito antropocêntrico é quase como um elemento “natural” nos livros didáticos, em alguns momentos, algumas propostas de educação ambiental são apanhadas em uma fina e sofisticada malha discursiva do cartesiano, os pressupostos culturais do cartesianismo parecem ter adquirido uma forma universal nas sociedades contemporâneas.

Segundo Tristão (2005) é propósito entender que de fato, a Educação Ambiental, em nome da emancipação, opõe-se ao projeto liberal de uma "razão educadora", de um conhecimento-regulação, de uma educação universal baseada em métodos universais, analisando de modo complexo a função social das narrativas generalistas e/ou denunciatórias.

Não seria a hora de repensar neste ideal educacional, pois de certa forma, a crise ecológica nos obriga a isso. E na concepção de Adorno (2003), assim, tenta-se simplesmente começar despertando a consciência quanto ao que os homens são enganados de modo permanente, pois hoje em dia o mecanismo de emancipação é o *mundus vult decipi* em âmbito planetário, de que o mundo quer ser enganado.

Assim, este estudo teve por objetivo, verificar as concepções de professores em uma Escola Municipal de Canitar-SP, sobre educação ambiental, e sua aplicação no cotidiano.

## METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desse trabalho, foi elaborado um questionário contendo sete questões, discursivas, sobre educação ambiental, nas quais perguntavam, o que se entende por meio ambiente, por educação ambiental, se desenvolve atividades de educação ambiental, quais as dificuldades para desenvolver essas atividades, onde buscar informação, qual a importância do assunto dentro das práticas escolares, e como atribuir importância ao assunto de “educação ambiental” na formação dos professores.

A escola escolhida foi a E.M.E.F “Aparecido Gonçalves Lemos”, do ensino fundamental, 5ª à 8ª, que contém vinte e seis docentes, está localizada na cidade de Canitar-SP. Onde 42,3% dos professores de diferentes disciplinas participarão respondendo ao questionário. Para que ocorresse a realização do questionário, na escola, primeiramente foi autorizado pela diretora da escola, para que assim houvesse uma reorganização na pauta do HTPC, horário utilizado para aplicação do questionário. As respostas foram analisadas, e os resultados apresentados em porcentagem.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos onze docentes, que participaram respondendo ao questionário demonstram que ainda há muitas barreiras a serem vencidas, como a dispedagogia ambiental, a própria educação baseada no *cogito cartesiano* que leva consigo mito do antropocentrismo, a falta de recursos, as diferentes percepções sobre meio ambiente, e sobre a educação ambiental. Quando somamos todos esses fatores, temos as seguintes conseqüências, que serão demonstradas através dos resultados obtidos no questionário:

Quando perguntado aos professores o que eles entendem por meio ambiente, 72,7% das respostas estavam relacionadas com o lugar onde vivemos, e o que nos cerca, e 27,3%, estavam relacionados com recursos naturais. O que demonstra ser necessário uma melhor compreensão do termo “meio ambiente”, por parte dos professores, já que 27,3% relaciona o meio ambiente com um lugar natural. Entretanto, a educação ambiental deve considerar o meio ambiente em sua

totalidade, em seus aspectos naturais e os criados pelo homem (PELICIONI, 1998). Fato esse não lembrado nas respostas dos professores.

Quando se pergunta o que se entende por educação ambiental, 72,7% dos docentes colocaram que a educação ambiental está relacionada à preservação, e apenas 27,3%, com conscientização. Podemos observar que a educação ambiental para esses docentes está ligada ao conservacionismo, onde esses não conseguem enxergar o verdadeiro significado da educação ambiental como as dimensões sociais, políticas, econômicas, culturais, ecológicas e éticas, e principalmente a qualidade de vida. E ao desenvolver de acordo com a percepção deles a educação ambiental, acaba se tornando um ensino de preservação e conservação, e que no decorrer do tempo, acaba por ficar sem sentido.

Quando a pergunta é se desenvolvem atividades de educação ambiental, 45,5%, declaram desenvolver atividades relacionadas à educação ambiental, como a problemática do lixo, separação dos lixos recicláveis dos orgânicos, e a reutilização da água, já 45,5%, declararam desenvolver às vezes, e 9%, declararam não desenvolver a educação ambiental. Esses dados comprovam que é a partir da concepção que eles tem sobre educação ambiental, é o que desenvolverão, pois se para eles a educação ambiental é preservação, ou conservação, é isto que eles disseminarão aos seus discentes.

Já em relação as dificuldades para trabalhar com essas atividades, as respostas variaram, por falta de recursos com 36,4%, falta de informação com 27,3%, falta de cooperação de outros professores e falta de conscientização, 27,3%. Parece que a maior dificuldade deles é trabalhar a educação ambiental de forma interdisciplinar. E que diante do pouco conhecimento sob a maneira de como trabalhar a educação ambiental, as dificuldades se tornam maiores, o que precisamos fazer é quebrar esse tabu de achar que a educação ambiental só pode ser desenvolvida em um dia do de meio ambiente, em passeios ecológicos. Pois somente quando esse tabu for quebrado a educação ambiental, irá conseguir o seu espaço e atingir seus objetivos.

Sobre onde eles buscam informação para planejar as atividades de educação ambiental, 72,7% utilizam recursos didáticos, como livros e revistas entre outros, já 18,2% buscam informações em recursos elaborados por Organização Não Governamentais, e 9,1% no dia a dia, o que podemos observar é que em muitos momentos os docentes não conseguem aproveitar os recursos que o próprio

ambiente proporciona como, utilizar o espaço local, trabalhando a percepção dos discentes, para que assim consigam desenvolver neles o sentimento de valorização da cultura local, estar utilizando as experiências do dia a dia, tanto dos docentes quanto dos discentes, sendo esta uma fonte muito rica de informação, e conhecimento, que foi lembrada pelo professor.

Às questões sobre como atribuir importância ao assunto “educação ambiental” na formação dos professores, as respostas foram das mais variadas possíveis, 9,1% por causa do aquecimento global, 9,1% acham que já é atribuída, 36,4% acham que deve ser atribuído pelo fato dele ser transmissor de conhecimento e 45,4% pelo fato da conscientização. Podemos verificar que alguns professores não vêem a importância da educação ambiental, e isso caracteriza que, precisamos de uma pedagogia e um saber ambiental, embasados em uma transformação social do educador, pois somente assim será possível um trabalho educativo voltado à relação dialética entre homem/sociedade/ambiente, guiados pelos princípios da ética, justiça e cidadania (GOUVÊA, 2006).

Quando se pergunta como o tema ambiental se insere nas práticas escolares, 54,5% acham que é de uma maneira, e 45,5% acham que é uma forma superficial.

Esses dados demonstram o que muitos autores, já colocaram: são muitos documentos relacionados à educação ambiental, porém não há um acompanhamento por parte das escolas, e nem dos professores, que não tem bem desenvolvido a temática ambiental, não conseguindo assim desenvolver a educação ambiental e ainda o quanto é importante um sistema que realmente avalie as escolas que dizem desenvolver educação ambiental.

## **CONCLUSÃO**

Podemos concluir a partir desse estudo que, a educação ambiental, não é desenvolvida de acordo com os documentos relacionados a ela, pois há unanimidade entre os docentes sobre educação ambiental e meio ambiente, e que os professores que desenvolvem a educação ambiental, desenvolvem de maneira ecológica, tendo muita dificuldade para se trabalhar com ela de maneira interdisciplinar e sócio ambiental.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.W. **Educação e Emancipação**. 3.ed.Rio de Janeiro: Paz e Terra Tradução: Wolfgang Leo Maar.2003.
- CASSINO, F. **Educação ambiental: Princípios, História, Formação de Professores**. 2.ed.São Paulo:Senac,2007.
- GADOTTI.M.**Pedagogia da Terra**.São Paulo: Peirópolis, 2000 CURI, S. M.
- GOUVÊA, G.R.R. Rumos da formação de professores para a Educação Ambiental. **Educar**. edição 163, ano 2006,n.27, p.163-179.
- GRÜN, M. **Ética e educação Ambiental: a Conexão Necessária**. Campinas: Papyrus, 2002.
- PELICIONI, Maria Cecília Focesi. **Educação ambiental, qualidade de vida e sustentabilidade**. *Saude soc.*, ago./dez. 1998, vol.7, no.2, p.19-31. ISSN 0104-1290.
- REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. Coleção: Primeiros Passos.Editora: brasiliense,1994.
- SATO, M. **Educação Ambiental**.São Carlos: RiMa,2002
- TRAVASSOS, E. A prática da Educação Ambiental nas escolas.Porto Alegre: Mediação, 2006.
- TRISTÃO, M. **Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido**. *Educ. Pesqui.*, maio/ago. 2005, vol.31, no.2, p.251-264. ISSN 1517-9702.
- VEIGA, A., AMORIM, E., BLANCO, M. **Um retrato da presença da educação ambiental no Ensino Fundamental Brasileiro: o percurso de um processo acelerado de expansão**. Brasília: MEC/INEP, 2005.